MATAR A BORGES: QUANDO O AUTOR VIRA PERSONAGEM

MATAR A BORGES: CUANDO EL AUTOR SE VUELVE PERSONAJE

Isis Milreu [1]

RESUMO: Jorge Luis Borges é um dos autores mais reconhecidos do século XX. Assim, é compreensível que sua obra seja frequentemente estudada em ensaios, artigos e teses. Contudo, atualmente, Borges também foi convertido em personagem de várias ficções. Nesse sentido, Pablo Brescia (2008) assinala que há uma tendência a "literaturizar" Borges, isto é, transformá-lo em objeto literário. Entre as obras que literaturizaram o escritor encontram-se diversos romances, entre os quais destaca-se *Matar a Borges* (2012), de Francisco Cappellotti. Tendo em vista estas considerações, a proposta deste trabalho é examinar a representação de Borges na mencionada narrativa, bem como o seu diálogo com a poética borgeana e a história da literatura.

Palavras-chave: Borges personagem. Literatura latino-americana contemporânea. *Matar a Borges*.

Considerações iniciais

Jorge Luis Borges (1899-1986) construiu uma poética inovadora que revolucionou a prática literária, bem como os estudos de literatura. Nesse sentido, Francisca Noguerol em "Con y contra Borges" (2011, p.111) afirma que o escritor marcou o pensamento e as artes da segunda metade do século passado. Para a estudiosa, o seu fantasma está presente na cultura contemporânea não só na literatura, mas também no cinema, na música e nas artes gráficas. Noguerol (2011, p.117) assinala que a repercussão do mito sobre sua pessoa, o qual ele alimentou e refutou ao mesmo tempo, levou-o a ser convertido em personagem de numerosos textos ficcionais.

Pablo Brescia em "Borges deviene objeto: algunos ecos" (2008, p.128) aponta que há uma tendência de "literaturizar" o autor argentino, isto é, transformá-lo em objeto literário. Nessas ficções, Borges deixa de ser um autor para transmutar-se em personagem, um ser ficcional criado por outros escritores. Verificamos que a afirmação de Brescia é procedente porque ao pesquisarmos as listas de publicações recentes constatamos que há muitos relatos em que o escritor aparece como personagem. Cabe frisar que Borges foi literaturizado em distintas modalidades:

[1] Doutora em Letras (Área de Literatura e Vida Social) pela UNESP-Assis. Professora de Literaturas Hispânicas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: imilreu@gmail.com

contos, romances, peças de teatro e histórias em quadrinhos. Além disso, observamos que sua literaturização abrange, no mínimo, três continentes: europeu, africano e americano.

Segundo alguns pesquisadores, foi o próprio escritor que iniciou o processo de sua literaturização. É o caso de Brescia (2008, p. 141) que sustenta que Borges adiantou-se a Roland Barthes e a Michel Foucault em anunciar a morte do autor. Em sua opinião, quando ele se tornou personagem de seus textos começou a desautorizar-se, foi irreverente consigo mesmo e se autotransformou em objeto literário.

María del Carmen Rodríguez discute essa temática em *Borges: el sueño imposible de ser* (2009). Neste trabalho, a estudiosa lista os contos borgeanos nos quais o escritor se literaturizou: "Hombre de la esquina rosada", "La forma de la espada", "Tlön, Uqbar, Orbis Tertius", "Funes el memorioso", "El Aleph", "El Sur", "El Zahir", "Episodio del enemigo", "Veinticinco de agosto, 1983" e "El otro". De acordo com a crítica, esse procedimento autoficcional é uma forma de enfatizar o princípio borgeano segundo o qual a literatura devora a realidade transformando-a em sua própria matéria, inclusive, o seu criador. Nesse sentido, Borges pode ser considerado o iniciador de sua literaturização.

Alguns romancistas converteram o autor argentino em personagem de suas narrativas quando ele ainda estava vivo e sua literaturização mais conhecida é *O nome da rosa* (1980), de Umberto Eco. Borges também foi literaturizado por seus conterrâneos nas seguintes obras romanescas: *El túnel* (1948), *Sobre héroes y tumbas* (1961), *Abaddón el exterminador* (1974); de Ernesto Sabato, e *Adán Buenosayres* (1948), de Leopoldo Marechal; *El simulador* (1990), de Jorge Manzur; *El dilema de los próceres*. Sherlock Holmes y el caso de las cartas ocultas de Rosas y San Martín (1999), de Jorge Fernández Díaz; *Las libres del Sur*. Una novela sobre Victoria Ocampo (2004), de María Rosa Lojo; e *Matar a Borges* (2012), de Francisco Cappellotti.

Borges ainda tornou-se personagem de romancistas hispânicos: *El movimiento V.P.* (1976), do espanhol Rafael Cansinos Assens; *Las máscaras del héroe* (1996), do espanhol Juan Manuel de Prada; *La traición de Borges* (2005), do chileno Marcelo Simonetti; *Los testigos* (2005), do peruano Jaime Begazo; *El sueño de Borges* (2005), da espanhola Blanca Riestra; *La novela perdida de Borges* (2010), do hispano-mexicano Pablo Paniagua, e *El clon de Borges* (2011), do colombiano Campo Ricardo Burgos López. No Brasil, o autor argentino foi literaturizado em cinco romances: *Borges e os orangotangos eternos* (2000), de Luis Fernando Veríssimo; *O romance de Borges* (2000), de Hamilton Alves; *Memorial de Buenos Aires* (2006), de Antonio Fernando Borges; *A misteriosa morte de Miguela de Alcazar* (2009), de Lourenço Cazarré, e *O evangelho segundo Hitler* (2013), de Marcos Peres. Além disso, Borges foi transformado em personagem nos romances *L´enfant de sable* (1985) e *La nuit sacré* (1987), do marroquino Tahar ben Jelloun, e *Viaggio a Salamanca* (2005), do italiano Raffaele Nigro.

O rol de ficções apresentadas anteriormente confirma que diversos romancistas converteram Borges em personagem de suas narrativas, explicitando a tendência de sua literaturização, sinalizada por Brescia (2008). Contudo, é importante registrar que esta relação é incompleta, pois podem existir outras obras romanescas que literaturizaram o autor argentino que desconhecemos. Interessa-nos destacar que as ficções assinaladas ilustram a diversidade dos autores que transformaram Borges em personagem, visto que alguns já são consagrados e outros são iniciantes, além de terem distintas nacionalidades.

Verificamos que a crescente ficcionalização de Borges não é um fenômeno isolado, uma vez que a conversão de escritores em personagens vem aumentando desde a década de 1980, conforme observa Leyla Perrone-Moisés (2011, p.255) em "Os heróis da literatura". Neste artigo, a estudiosa postula que esses romances não são biografias, mas sim invenções ficcionais que jogam tanto com os dados biográficos quanto com os materiais das obras desses autores. Acentua que tais ficções têm uma função crítica implícita, dado que as invenções são baseadas em pesquisa biográfica e no conhecimento dos textos dos escritores ficcionalizados. Assim, ela classifica essas produções como ficções metaliterárias, além de destacar que um de seus procedimentos usuais é a intertextualidade.

Marilene Weinhardt em "Quando a história literária vira ficção" (1998) também aborda esse assunto. No texto citado, Weinhardt (1998, p.104) argumenta que a ficção literária dialoga com a história da literatura de duas formas. A primeira é ficcionalizando personagens cuja existência marcou a história literária. Já a segunda é a migração de personagens ficcionais dos textos canônicos para os novos textos. Em sua opinião, os textos que dialogam com a história literária podem ser vistos como ficções históricas, independentemente dos rótulos. A estudiosa enfatiza que o fato de o discurso dos ficcionalizados impregnar o discurso dos ficcionistas indica que os escritores frequentaram os textos desses autores e, portanto, assumem-se como leitores, como influenciados.

Por sua vez, Antonio Roberto Esteves (2010, p.123), em *O romance histórico brasileiro contemporâneo* (1975-2000), sustenta que os relatos com escritores protagonistas contam sua inserção na vida cultural e, especialmente, a história do próprio cânone literário. Assinala que nessas obras a intertextualidade ocorre tanto com a escrita do próprio autor ficcionalizado quanto com toda a historiografia da literatura do período em que ele está inserido. Desse modo, fomentam várias questões literárias, tais como a construção do cânone ou o papel do leitor e da crítica na construção e manutenção do cânone. Aponta, ainda, que essas obras podem ter vários objetivos: fazer lembrar algum escritor esquecido pela historiografia; discutir os princípios estéticos vigentes em determinado período histórico ou humanizar algum nome exageradamente mitificado pela crítica.

Acreditamos que uma das explicações possíveis para o fenômeno crescente da literaturização de Borges diz respeito as suas significativas contribuições para a produção literária. Nessa perspectiva, os escritores que converteram o autor argentino em personagem de suas obras estabeleceram um diálogo com a sua poética, assumindo-se como seus leitores e reconhecendo sua importância para a literatura. Essas ficções também podem estar vinculadas a um desejo de discutir o papel de Borges na história literária. Em outras palavras, trata-se de uma espécie de homenagem e de leitura crítica ficcional feita por seus pares, indicando como o escritor está sendo lido na contemporaneidade.

Tendo em vista essas considerações nos propomos a analisar nesse trabalho como o escritor foi representado no romance *Matar a Borges* (2012), de Francisco Cappellotti. Também examinaremos como o autor dialogou com a poética borgeana e a história da literatura, entre outras questões.

Matar a Borges **(2012)**

Matar a Borges é o primeiro romance de Francisco Cappellotti e foi publicado em 2012 pela editora Planeta. Recentemente, Cappellotti lançou sua segunda obra romanesca: *La isla rodante* (2016). É importante registrar que o escritor também é contista, advogado e professor de Direito.

Ao iniciar a leitura de *Matar a Borges* o leitor se depara com uma advertência que esclarece que tanto a inserção de Borges como um dos protagonistas do relato quanto à presença de vários personagens criados pelo autor argentino são uma homenagem. Logo, essa declaração pode ser vista como uma explicitação do objetivo principal da narrativa de Cappellotti: homenagear Borges através de sua ficcionalização.

O romance está dividido em 50 capítulos. O relato é feito por um narrador onisciente e gira em torno da ameaça feita por Carlos Argentino Daneri, personagem do conto borgeano "El Aleph", de matar Borges a fim de vingar-se de seu criador. Sua vingança desencadeia os assassinatos de Ulrike von Kuhlmann e Estela Canto, a investigação dos referidos crimes e embates entre Daneri e Borges. Cabe frisar que embora predomine no relato a narração em terceira pessoa, há alterações do foco narrativo por meio de monólogos interiores e quando Borges ou Daneri descrevem seus sonhos, visto que nestes trechos o foco narrativo encontra-se em primeira pessoa.

Paralelamente a essa trama policialesca, encontramos no romance a reconstrução de momentos importantes da vida do Borges escritor, pois a ação narrativa situa-se em 1950, período em que ele era presidente da Sociedade Argentina de Escritores (SADE) e, juntamente com outros intelectuais, enfrentava-se com o peronismo. Assim, a ficção de Cappellotti mescla elementos

biográficos do autor argentino com o seu universo ficcional, problematizando os limites entre realidade e ficção.

Matar a Borges inicia-se com duas epígrafes extraídas de obras borgeanas. A primeira, "No corrijo los hechos, no falseo los nombres", foi retirada do conto "El Aleph", incluído no livro homônimo publicado em 1949. Trata-se de um verso do poema "La Tierra" de Carlos Argentino Daneri e sua autoria é explicitada. Já a segunda inscrição, "Así mi vida es una fuga y todo lo pierdo y todo es del olvido o del otro.", reproduz os versos finais de "Borges y yo", inserido em *El hacedor* (1960). Dessa maneira, as epígrafes unem Carlos Argentino Daneri e Jorge Luis Borges insinuando que os dois são semelhantes porque são escritores embora estejam de lados opostos. Ao analisar os fragmentos, notamos que o primeiro critica a falsificação de fatos e de nomes enquanto o segundo refere-se a uma vida de fuga em virtude do esquecimento ou do outro. Nesse sentido, as inscrições antecipam os temas centrais do romance, uma vez que Carlos Argentino busca vingar-se de Borges devido a sua representação irônica no mencionado conto e por não contar a verdade sobre a existência do Aleph, questionando a sua falta de realismo. Por sua vez, Borges é perseguido por Daneri que pode ser visto como o seu duplo. Interessa-nos assinalar que a opção do autor argentino por não escrever de forma realista foi uma das críticas frequentes à literatura borgeana, a qual é reproduzida nessa ficção.

O relato inicia-se com Carlos Argentino escrevendo uma carta para Borges, na qual apresenta seus motivos para matá-lo, decisão que tomou alguns meses após a publicação de *El Aleph* (1949). Nesta missiva há uma paráfrase do referido conto, utilizada para descrever o personagem e sua relação com o escritor, bem como citações do mencionado relato borgeano em itálico. Daneri também informa que seguiu os passos de Borges nos últimos meses e sabe que ele ocupa o cargo de presidente da SADE e que costuma voltar caminhando para sua casa na rua Maipú, 994. Eis duas informações conhecidas da biografia do autor argentino.

Para atingir o seu objetivo, Carlos Argentino resolve conhecer profundamente o seu inimigo e transformar-se nele. Como Borges é cego, ele passa a andar no escuro e, inclusive, tem um gato chamado Beppo, como o dele. Entretanto, essa conversão é invertida em alguns pontos, já que Daneri declara que aderiu ao movimento peronista depois que esse governo "promoveu" Borges do seu cargo na biblioteca Miguel Cané para o de "Inspetor de Aves e Coelhos". Logo, o conhecido anti-peronismo do autor argentino é explicitado e dois elementos importantes de sua biografia vêm à tona.

Antes de receber a carta de Daneri, Borges sonha com o Aleph, com Beatriz Viterbo e Carlos Argentino. Pensa que ele está prestes a descobrir a verdade sobre a existência do Aleph, mas conclui que todos vão preferir acreditar em um eminente Prêmio Nobel de Literatura e não em um

bibliotecário delirante. Desse modo, mais um acontecimento marcante da vida do autor argentino entra em cena: sua frustrada candidatura ao Nobel. Ao despertar, Fanny entrega a carta de Daneri e questiona sua existência, uma vez que sempre pensou que ele era um mero ser ficcional. O escritor não conta a verdade, alegando que se trata apenas de uma brincadeira de um leitor inoportuno.

Após a leitura da carta, Borges fica mais preocupado com a opinião das pessoas sobre o fato de que sua obra fantástica estava baseada na realidade, ou seja, que seria uma mentira, uma farsa, do que com a sua sentença de morte. Então, escreve uma resposta para Daneri convidando-o a matá-lo dentro de uma semana na Plaza San Martín. Também o provoca dizendo que não está arrependido por ter imortalizado o Aleph e relembra a dualidade de que todos os traidores também são heróis. A seguir, sonha que está na Plaza San Martín com o outro Borges. Assim, somos remetidos ao relato "Borges y yo" que, inclusive, é citado nessa parte da narrativa através de alguns fragmentos em itálico.

O escritor decide entrar em contato com Adolfo Bioy Casares para informar-lhe sobre a ameaça de Daneri. Nesse trecho do romance surge a primeira descrição física de Borges que é caracterizado como gordinho, pálido e com cara redonda. Já Bioy é descrito como alto, esbelto e com traços bem definidos. Vale a pena observar que essas descrições são condizentes com os seus referentes empíricos. O narrador também aponta que, ao contrário de Borges, Bioy é bem sucedido com as mulheres e relata a relação de amizade entre os dois. Em seu encontro, Borges revela que o Aleph e Carlos Argentino Daneri são verdadeiros. Bioy suspeita que Carlos Argentino quer matá-lo para ser Borges e acrescenta "Daneri puede desear destruir a Borges, superar a Borges, o aun burlarse de Borges, pero digamos que, como todo escritor, no puede vivir fuera de Borges." (CAPPELLOTTI, 2012, p.51). Dessa forma, a influência que o autor argentino exerce em alguns escritores é exaltada, sendo, até, generalizada, ao mesmo tempo em que a ideia de Daneri como duplo de Borges é reforçada. Além disso, desvela-se o significado do título do romance que pode ser visto como uma metáfora da relação entre os novos e os antigos escritores.

Após analisar a situação, Bioy aconselha-o a procurar a polícia e afirma que essa situação não é literatura, mas sim realidade. Borges responde que não há literatura mais perfeita do que aquela que mescla ficção e realidade e que "Tal vez pueda desmenuzar los más inextricables problemas filosóficos, quizá pueda perderme en los laberintos de la eternidad o refugiarme en mis sueños. Pero lo que irremediablemente no puedo es aprender a vivir, a enfrentar la realidad [...]" (CAPPELLOTTI, 2012, p.53). Eis uma alusão à falta de senso prático do autor argentino, bem como uma menção a conhecidos tópicos da poética borgeana: labirinto, eternidade e sonho X realidade. Diante desses argumentos, Bioy conforta o amigo dizendo que tudo irá ser solucionado.

Ao receber a resposta do escritor, Daneri fica indignado e decide feri-lo matando primeiro os seus dois amores não correspondidos: Ulrike von Kuhlmann e Estela Canto. Enquanto coloca o seu plano em ação, ele sonha com Borges, ou melhor, sonha que é Borges. Aliás, no seu último sonho descreve a morte de Borges em primeira pessoa. Nele, o escritor não é assassinado, pois Daneri declara não poder matá-lo porque ambos são um só. Novamente, ressurge o tópico do duplo no relato.

Para investigar os assassinatos de Ulrike e Canto entram em cena o inspetor Colombres e seu ajudante, Ezequiel Vega. Durante a investigação do crime de Ulrike é Vega que a conecta a Borges, informando que eles tiveram uma relação fugaz em 1949. Também relembra que Borges dedicou-lhe "Historia del guerrero y de la cautiva" e que enviou-lhe um conto intitulado "La otra muerte" no qual há um personagem chamado Ulrike. Colombres demonstra não conhecer Borges e Vega define-o como "[...] nuestro más grande poeta, cuentista." (CAPPELLOTTI, 2012, p.63), ressaltando sua admiração pelo escritor. Recorda que ele viveu na Europa quando era adolescente e que seus descendentes eram ingleses. Dessa forma, surgem dois importantes dados biográficos do escritor argentino na narrativa. Além disso, o papel do leitor é representado no relato por meio de Vega que

> Amaba sus metáforas, sus adjetivos y particularmente su forma de sentir la poesía, el sentimiento que a través de ella expresaba. Sus cuentos, por qué negarlo, eran prodigiosos. Una prosa soberbia que cumplía el más perfecto sentido de la estética, hilvanados con la más portentosa filosofía, fantasía y metafísica. (CAPELLOTTI, 2012, p.71).

Em suma, essa valoração dos escritos de Borges sintetiza os principais méritos da poética do autor argentino. Paradoxalmente, sua admiração pela obra borgeana leva o detetive a pensar que Borges poderia ser o assassino de Ulrike, uma vez que ele várias vezes descreveu homens com vida dupla em suas criações. Assim, a ficção justificaria a realidade, problematizando seus limites, bem como indicando uma confusão entre o autor e o personagem. Ao comentar suas suposições, Colombres anima-se e declara que Perón ficará encantado em ver o escritor preso.

Quando Borges é informado sobre a morte de Ulrike decide matar Daneri. Toma um táxi e juntamente com o taxista tece várias críticas ao autor argentino. O taxista afirma que Borges é um reacionário e sua literatura é entediante. Também questiona o seu anti-peronismo, alegando que ele não pertence à classe popular, e o seu desprezo pelo futebol. Por sua vez, Borges comenta que gosta de dois ou três contos do escritor argentino e que os outros deveriam estar no lixo. Acrescenta que ele não pode ser comparado a grandes autores como Shakespeare, Stevenson e Dante. Ao se despedirem, o taxista pede-lhe que, caso encontre Borges, comente suas opiniões.

Assim, várias críticas conhecidas à obra borgeana e ao seu autor são recriadas no relato, bem como a ironia e a autocrítica do Borges escritor.

Ao descer do táxi, Borges espera Daneri em frente à rua Serrano, 2174. Cabe frisar que se trata do endereço da antiga casa da família Borges em Palermo. Como ele não aparece resolve chamar e é atendido por um menino de sete anos que leva nas mãos um exemplar de *Antología Poética* de Leopoldo Lugones. Os dois conversam sobre literatura e o garoto comenta algumas de suas leituras, expressando seu desejo de ser escritor. Suas leituras são as mesmas do Borges escritor: Oscar Wilde, mitologia grega, Macedonio Fernández, Evaristo Carriego e Pedro Palacios (Almafuerte). Portanto, podemos vê-lo como uma representação do autor argentino quando era criança. Nossa hipótese é reforçada quando a mãe do garoto interrompe o diálogo e chama-o de Georgie, tal como Borges era denominado por familiares e amigos. No romance, o escritor volta a encontrar Georgie no zoológico e, finalmente, descobre que ele é sua versão infantil. Tenta convencê-lo a não escrever "El Aleph", mas percebe que o seu destino já estava traçado e não poderá ser alterado. Eis uma alusão ao destino literário de Borges, o qual declarou em diversas ocasiões que havia decidido dedicar-se à literatura desde a infância.

Enquanto o escritor estava na casa de Georgie, Colombres e Vega vão ao seu apartamento interrogá-lo. Fanny e Leonor tentam protelar o interrogatório, mas Borges retorna e decide apresentar-se logo. Ao vê-lo, Vega fica entusiasmado porque estava diante do arquétipo da prosa e da poesia argentina. Borges recebe outra carta de Daneri, a qual anuncia a morte de Estela Canto e esconde-a dos investigadores. Durante o interrogatório ele não fornece nenhuma informação nova e ao despedirem-se, Vega tem a impressão de estar diante dos Deuses.

Posteriormente, Colombres recebe uma mensagem anônima que anunciava que o segundo assassinato havia sido articulado. Imediatamente, Vega relaciona a frase ao conto borgeano "La muerte y la brújola" e, tal como o detetive desse relato, segue pistas falsas e é assassinado. Contudo, Vega descobre a verdade antes de morrer, pois acredita que os crimes foram praticados por algum fanático por Borges, um inverossímil impostor.

Neste interim, o escritor pede ajuda a Bioy para impedir o assassinato de Estela e matá-lo, mas Daneri consegue assassiná-la antes que possa colocar o seu plano em ação. No enterro de Canto, Borges recebe vários olhares acusadores. Então, resolve vingar-se e planeja atrair Carlos Argentino através de uma conferência sobre o gênero policial e, assim, matá-lo. O escritor declara que não está preocupado com sua morte, pois postula que sua obra pode torná-lo imortal. Entretanto, durante a sua exposição, desmaia ao ver Daneri apontar-lhe uma arma. Ele é hospitalizado, mas sua mãe e Bioy não demonstram preocupação, já que esses desvanecimentos eram comuns e, inclusive, algumas vezes, foram fonte de inspiração como no caso do conto "El

Sur", segundo o narrador. Dessa maneira, outro elemento da biografia do autor argentino aparece no relato, dado que segundo declarações do Borges empírico a escrita do referido conto foi motivada por um acidente que sofreu em 1938, o qual acelerou o seu processo de cegueira.

Bioy pensa em como ajudar Borges e Silvina sugere que organizem um ato de desagravo na Villa Ocampo, em San Isidro. Nele estão presentes vários intelectuais argentinos, ligados à revista *Sur*. Além de descrever o encontro, o narrador menciona a censura à imprensa decretada por Perón, comparando-o a Rosas. Destaca que a referida revista havia resistido à censura devido ao seu perfil cultural e aristocrático e que combatia ativamente o governo peronista. Assim, o contexto histórico é reconstruído, ao mesmo tempo em que se enaltece o papel da revista *Sur* por sua luta em prol da liberdade de imprensa.

Nesse encontro, Victoria faz um discurso a favor de Borges, lembrando as perseguições do governo peronista contra o escritor: sua promoção a "inspetor de aves e coelhos" e a detenção de sua mãe e de sua irmã por cantarem o hino nacional em via pública. Após o seu discurso, Borges toma a palavra e reafirma que sabia desde criança que o seu destino era ser escritor. Ele acrescenta que a salvação está nas letras e que se não escrevesse já estaria morto, reforçando o papel preponderante da literatura na vida do autor argentino. Desse modo, Cappellotti reconstrói anacronicamente o ato de desagravo organizado pela SADE em 1946 e o "Desagravio a Borges", publicado pela revista *Sur*, em 1942, fundindo os dois acontecimentos.

Finalmente, depois de trocarem cartas e sonharem com o outro, Borges e Daneri encontram-se na Plaza San Martín. Carlos Argentino afirma que as mortes de Ulrike e Canto foram uma maneira de envolvê-lo em sua armadilha. Confessa que esteve apaixonado por Canto e que ela enganava Borges com ele. Também indaga porque o escritor não havia avisado a polícia sobre sua ameaça de morte. Borges explica que havia vários agentes peronistas perseguindo-o e que acreditava que Carlos Argentino estava ligado ao governo. De fato, sua hipótese estava certa, uma vez que no final do romance descobrimos que Daneri foi contratado por Colombres, representante do peronismo, para matar Borges.

Após o embate verbal, a narrativa termina de forma aberta com Borges revendo vários duplos e chorando porque seus olhos não podiam compreender o que viam. Assim, ele "Vio el Aleph, vio tu cara y mi cara, vio a todos los Borges del orbe y sintió vértigo y lloró…, desconsoladamente lloró…, porque sus ojos no podían comprender lo que veían." (CAPPELLOTTI, 2012, p.235). Essa citação sugere que o escritor não morreu, dado que ele chora após receber o tiro, embora seus olhos não compreendam o que estão vendo. Também há uma alusão ao autor do romance e ao leitor, dado que Borges vê os seus rostos, bem como o de outros Borges. Essa perspectiva é reforçada por meio do uso dos pronomes possessivos "tu" e "mi" que

indicariam, respectivamente, o leitor e o autor da narrativa. Nesse sentido, é possível interpretar esse final como uma referência ao processo de ficcionalização do escritor argentino por outros autores que assumem-se como leitores de Borges.

Considerações finais

Como vimos, *Matar a Borges* dialoga com a poética borgeana de diversas formas, uma vez que nesse relato há alusões a tópicos frequentes na literatura do autor argentino como o labirinto, a leitura, o sonho, a vigília, a morte, o espelho, o duplo, a biblioteca, a metafísica e o tigre, entre outros. Também estão presentes na ficção citações de trechos de várias obras de Borges. Além disso, o romance menciona vários autores relacionados ao arquivo literário borgeano, tais como Cervantes, Chesterton, Poe, Dostoievski, Lugones, Schopenhauer, Dante, Shakespeare, Whitman, Stevenson, Oscar Wilde, Macedonio Fernández, Evaristo Carriego, Pedro Palacios e Rafael Cansinos-Assens, entre outros, bem como diversos livros. A ficção aborda, ainda, outro elemento caro à poética borgeana: o romance policial que está pode ser identificado tanto na estrutura do relato quanto em intertextos com o subgênero.

Contudo, na narrativa de Cappellotti destaca-se diálogo com o conto "El Aleph", visto que, além de ser citado constantemente, um personagem desse texto foi reficcionalizado. Portanto, a intertextualidade também ocorre com a história da literatura, pois um personagem borgeano foi retirado de seu contexto original e questiona o ponto central da estética de seu criador: a sua não filiação ao realismo. Não podemos deixar de mencionar que o romance traz, ainda, várias questões literárias à tona, tais como o valor de um escritor, tema da mencionada ficção borgeana. Também permite discutir a relação que os novos autores estabeleceram com o autor argentino, dado que é possível interpretarmos o desejo de Daneri matar Borges como uma metáfora desse relacionamento. Cabe registrar que essa ideia já havia sido expressa por Witold Gombrowicz quando em sua partida da Argentina aconselhou os seus admiradores a matarem Borges.

Não podemos deixar de mencionar que a narrativa de Cappellotti dialoga com a história da literatura argentina ao ficcionalizar algumas das críticas que a obra borgeana e o seu criador receberam em seu país. Por um lado, Borges foi bastante elogiado por Vega que o considerava o arquétipo da literatura, o maior poeta e contista argentino, um gênio literário e um imperador de ficções, além de exaltar o seu estilo e a forma de suas poesias e de seus contos. Por outro lado, o inspetor Colombres ao ouvir o seu sobrenome pensa que se trata do comediante Tato Borges, demonstrando desconhecê-lo; o taxista o classifica de reacionário, afirma que seus contos lhe pareceram chatos, critica o seu desprezo pelo futebol e explica o seu anti-peronismo devido a sua

diferença de classe; já Daneri quer vingar-se do escritor por ter distorcido a realidade, uma das principais marcas da poética borgeana.

Também é importante registrar os mencionados desagravos que foram ficcionalizados na narrativa, cuja função foi apoiar Borges e sua literatura. Historicamente, o escritor argentino foi respaldado por intelectuais ligados à revista *Sur*, como Victoria Ocampo e Adolfo Bioy Casares. Aliás, muitos escritores de sua geração foram seus leitores, dado que no início de sua carreira a literatura borgeana não obteve uma ampla recepção crítica. Isso levou alguns críticos a classificarem a literatura de Borges como destinada apenas a escritores. Nessa perspectiva, *Matar a Borges* estabelece um diálogo com a história da literatura, dado que tanto os elogios quanto os questionamentos a obra borgeana abordados no romance refletem as diversas leituras dessa literatura na Argentina ao longo das últimas décadas. Dessa maneira, somos remetidos ao processo de canonização de Borges cujo reconhecimento começou a partir da década de 1960 com o recebimento do prêmio Formentor.

Pensamos que a conversão do escritor argentino em personagem no romance de Cappellotti problematiza os limites entre a realidade e a ficção, um tópico corrente da poética borgeana. Vimos que nessa obra Borges foi representado em uma fase decisiva de sua vida, uma vez que havia sido "promovido" do seu cargo da Biblioteca Miguel Cané para o de Inspetor de aves e coelhos, além de ser perseguido pelo governo peronista. Historicamente, ele renunciou ao referido cargo e, como precisava encontrar um novo trabalho, passou a lecionar e a ministrar conferências. Para vencer sua timidez buscou a ajuda de um psicanalista, fato reconstruído no romance. Essas mudanças foram decisivas para a fase de consagração de sua carreira. O processo de transformação interior de Borges também é recriado no romance de Cappellotti, bem como a sua tentativa de deixar de ser dependente de sua mãe. Nessa ótica, ao expor as fragilidades do escritor, o autor humaniza Borges.

Matar a Borges é um texto híbrido, visto que a história e a literatura estão mescladas no relato e os seus limites são problematizados. Percebemos que o romance é construído a partir de referências espaciais empíricas, a maioria relacionada à moradia ou a lugares frequentados pelo autor argentino, e que o tempo é demarcado claramente, pois a ação narrativa concentra-se em 1950. Além disso, há vários personagens baseados em referentes empíricos e o contexto histórico é recriado, bem como vários episódios da vida de Borges. Porém, essa intenção de construção de uma obra verossímil é problematizada com a reficcionalização de Carlos Argentino Daneri, personagem do conto borgeano "El Aleph" e com as distorções do material histórico.

Em seu romance, Cappellotti homenageia Borges, tal como havia anunciado da advertência. Ao dialogar com a literatura borgeana, o escritor assume o papel de seu leitor e ao literaturizá-lo

torna-se mais um recriador de Borges. O romancista também dialogou com a crítica literatura, recuperando as distintas interpretações da obra borgeana na Argentina, e com a história da literatura, principalmente, no que diz respeito ao conflito entre autores novos e consagrados. No entanto, acreditamos que a sua maior contribuição foi possibilitar uma nova vida ficcional a Borges, explicitando que sua literatura continua a conquistar leitores e que será muito difícil matar a sua influência na literatura contemporânea.

RESUMEN: Jorge Luis Borges es uno de los autores más reconocidos del siglo XX. Así, es comprensible que su obra sea frecuentemente estudiada en ensayos, artículos y tesis. Pero, actualmente, Borges también fue convertido en personaje de varias ficciones. En ese sentido, Pablo Brescia (2008) señala que hay una tendencia a "literaturizar" a Borges, o sea, transformarlo en objeto literario. Entre las obras que literaturizaron al escritor hay diversas novelas, entre las cuales se destaca *Matar a Borges* (2012), de Francisco Cappellotti. A partir de esas consideraciones, la propuesta de este trabajo es examinar la representación de Borges en la mencionada narrativa, así como su dialogo con la poética borgeana y la historia de la literatura.

Palabras-clave: Borges personaje. Literatura latinoamericana contemporánea. *Matar a Borges*.

REFERÊNCIAS

BORGES, J.L. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé, 1974.

BRESCIA, P. Borges deviene objeto: algunos ecos. *Variaciones Borges*, Pittisburgh, n.26, oct. 2008.

CAPPELLOTTI, F. *Matar a Borges*. Buenos Aires: Planeta, 2012.

ESTEVES, A. R. *O romance histórico brasileiro contemporâneo*. (1975-2000). São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

NOGUEROL. F. *Con y contra Borges*. Cartaphilus, Murcia, n.9, 2011.

PERRONE-MOISÉS. Os heróis da literatura. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.25, n.71, jan./abr. 2011.

RODRÍGUEZ, M. C. *Borges*: *el sueño imposible de ser*. Buenos Aires: Biblos, 2009.

WEINHARDT, M. Quando a história literária vira ficção. In: ANTELO, R. et. al. (Org.). *Declínio da arte, ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, Abralic, 1998.